

RESSONÂNCIAS DE ALGUMAS TEORIAS RACIAIS DO SÉCULO XIX EM TRÊS ROMANCES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO SÉCULO XX

RESONANCES OF SOME RACIAL THEORIES OF NINETEENTH CENTURY IN THREE PORTUGUESE NOVELS OF THE TWENTIETH CENTURY

Donizeth Aparecido Santos¹

SANTOS, D. A. Ressonâncias de algumas teorias raciais do século XIX em três romances de língua portuguesa do século XX. *Akrópolis*, Umuarama, v. 18, n. 3, p. 165-173, jul./set. 2010.

RESUMO: O artigo apresenta as ressonâncias que algumas teorias raciais do século XIX, que defendiam a tese da superioridade da raça ariana frente às demais, e também procuravam demonstrar a inviabilidade da miscigenação, considerando o mestiço como um ser degenerado e decadente, inferior às raças puras que o formavam, tiveram em três obras escritas no século XX nas literaturas de língua portuguesa: os romances *Clara dos Anjos* (1997), do escritor brasileiro Lima Barreto; *Mayombe* (1982) do angolano Pepetela; e *Portagem* (1981) do moçambicano Orlando Mendes. Nesse sentido, a análise mostra como essas teorias extremamente racistas aparecem internalizadas nesses textos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura comparada; Literaturas africanas de língua portuguesa; Literatura brasileira.

¹Doutorando em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) na Universidade de São Paulo e professor de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras da Faculdade de Telêmaco Borba. Email: donizeth.santos@hotmail.com

ABSTRACT: The article presents the resonances that some racial theories of twentieth century that defended the thesis of the superiority of the Aryan race faced to excessively and also looked for demonstrating the unfeasibility of the miscegenation, considering the mestizo as a depraved and declining being, inferior to the pure races that formed it, they had in three workmanships written in the twentieth century in the literatures of Portuguese language: the romances *Clara dos Anjos* (1997), from the Brazilian writer Lima Barreto; *Mayombe* (1982) from the Angolan Pepetela; and *Portagem* (1981) of the Mozambican Orlando Mendes. In this direction, the analysis shows how these extremely racist theories appear internalized in these literary texts.

KEYWORDS: Comparative literature; African literature of Portuguese language; Brazilian literature.

Recebido em março/2010
Aceito em maio/2010

INTRODUÇÃO

No século XIX, várias teorias raciais surgiram nos Estados Unidos e na Europa procurando traçar um painel evolutivo das raças humanas. Para a maioria delas, a raça ariana se encontrava no topo da pirâmide evolucionista, como exemplo de desenvolvimento e civilização enquanto que as outras (negros, índios, amarelos e miscigenados) eram tidas como incivilizáveis e sem a menor possibilidade de desenvolvimento sociocultural e científico. Nesse período, segundo Thomas Skidmore (1976, p.68), muitas monografias históricas sustentavam a tese de que o ariano tinha atingido o mais alto grau de civilização e, conseqüentemente, estava destinado, de um modo determinista, a assumir o controle do mundo. O autor observa ainda a definição do termo “ariano” é evasiva, começando como categoria linguística e passando à significação de norte-europeu, de raça branca. No Brasil o termo ficou associado somente à cor branca.

Desse modo, essas teorias raciais procuravam comprovar cientificamente a superioridade da raça branca sobre as demais, sobretudo a inferioridade do negro africano frente ao branco europeu, ajudando a camuflar, segundo Kabengele Munanga (1986), os objetivos econômicos e imperialistas das grandes nações europeias, justificando-se assim a escravização e a colonização dos povos considerados inferiores.

Além disso, essas teorias também procuravam demonstrar a inviabilidade da miscigenação, classificando o mestiço como “subraça, decadente e degenerada” (SCHWARCZ, 1993, p. 64), inferior às raças puras que o formavam, chegando ao absurdo de Paul Broca, anatomista e craniologista fundador da Sociedade Antropológica de Paris, comparar “o exemplo da não fertilidade da mula”, animal estéril produzido pelo cruzamento entre duas espécies de equinos, “e uma possível esterilidade do mulato” (SCHWARCZ, idem, p.54), ao mesmo tempo em que Gobineau e Le Bon, teóricos deterministas, lamentavam a extrema fertilidade dos mestiços, por acreditarem que estes eram herdeiros dos caracteres negativos das raças cruzadas. Embora haja uma grande distância entre essas duas opiniões sobre a fertilidade ou não do mestiço, ambas convergem num ponto: consideravam a miscigenação como algo prejudicial ao desenvolvimento das raças humanas e por isso ela deveria ser evitada.

Uma dessas teorias, e talvez a mais importante delas, foi o Darwinismo Social, que, conforme Lília Schwarcz (idem), serviu como ponte entre teorias anteriores aparentemente irreconciliáveis como a teoria Monogenista que, amparada pelo aspecto bíblico, propugnava uma origem única para a humanidade, apresentando os diferentes tipos humanos como resultado de um maior ou menor grau de degeneração, e a teoria Poligenista que, ao contrário da anterior, acreditava em vários núcleos de criação que seriam responsáveis pelas diferenças raciais observadas. Ambas consideravam a miscigenação um fenômeno a ser evitado, em razão de seus adeptos acreditarem que ela causava a degeneração das espécies humanas.

Segundo Lília Schwarcz (Idem), o Darwinismo Social, que aproximou essas duas teorias raciais, era um determinismo de cunho racial também denominado de “teoria das raças” que enaltecia a existência de tipos puros e ao mesmo tempo em que via a miscigenação de modo pessimista, acreditando que ela provocava degeneração tanto racial quanto social. Nas palavras da historiadora:

Para os darwinistas sociais, o progresso estaria restrito às sociedades “puras”, livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória. Recortando na história mundial exemplos que reforçavam seus argumentos, esses teóricos acreditavam que o bom desenvolvimento de uma nação seria resultado, quase imediato, de sua conformação racial pura. A evolução europeia, e em especial o tipo ariano, representaria para pensadores como Gobineau um caso extremo em que o apuro racial teria levado a um caminho certo rumo à civilização. (SCHWARCZ, 1993, p. 61)

Nesse sentido, para os defensores dessa teoria, somente as sociedades puras, formadas pela raça ariana, poderiam alcançar um alto grau de civilização e desenvolvimento, enquanto que as demais estavam fadadas ao fracasso.

Schwarcz observa também que, para Gobineau, não se podia esperar muito de certas raças inferiores, mas também não era necessário temê-las. Mas, em relação à miscigenação, considerava sempre um dano o resultado da mistura, e por isso concebia as nações miscigenadas como povos desequilibrados e decaídos. Assim, quando veio ao Brasil e permaneceu por

quinze meses no Rio de Janeiro definiu os habitantes da cidade do seguinte modo: “trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia” (apud SCHWARCZ, idem, p.13).

Thomas Skidmore (1976) afirma que essas teorias raciais influenciaram os brasileiros que pensavam a sério o problema racial, e, conseqüentemente, a teoria da superioridade ariana era aceita como fato de determinismo histórico pela elite intelectual brasileira entre 1888 e 1914.

No entanto, o Brasil, que nunca teve um sistema racial rígido, por essa época tinha alcançado um altíssimo índice de miscigenação, o que implicava a impossibilidade da total aplicação das teorias raciais à realidade brasileira. Como já sabido, desde muito cedo o colonizador português se misturou à raça nativa (índios) e aos negros trazidos da África, desencadeando um processo de miscigenação que perdura até nossos dias. Outra particularidade da formação da sociedade brasileira é que aqui, segundo David Brookshaw (1983), a escravidão durou um período maior que em outros países, e isso facilitou o abuso das mulheres negras por homens brancos, e também a falta de mulheres brancas na classe dos colonizadores em contraste com uma grande quantidade de mulheres negras, tornou inevitável que houvesse um alto grau de miscigenação.

Desse modo, desde o início da colonização, o Brasil já contava com uma população de mulatos que foi aumentando com o decorrer do tempo. Aqui, muitos desses seres considerados degenerados pelas teorias raciais vigentes conseguiram ascender socialmente e alguns deles chegaram até ocupar cargos públicos importantes, e outros se tornaram nomes respeitados nas letras e nas ciências. Nesse contexto, não havia saída para o Brasil senão enveredar por outro caminho que ia na contramão dessas teorias: o branqueamento da população negra por intermédio da mestiçagem, acreditando-se que em um século o elemento negro desapareceria e a população brasileira se tornaria então totalmente branca. Os intelectuais brasileiros da época adaptaram as teorias raciais importadas, transformando a mestiçagem de algo negativo em positivo. Nas palavras de Skidmore:

A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, pelo uso

dos eufemismos raças “mais adiantadas” e “menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro - a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o *gene* branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas. (A imigração branca reforçaria a resultante predominância branca).

Obviamente, a conclusão otimista dessa análise racial repousava sobre uma afirmação chave: a de que a miscigenação não produzia inevitavelmente “degenerados”, mas uma população mestiça sadia capaz de tornar-se sempre mais branca, tanto cultural quanto fisicamente. (SKIDMORE, 1976, p.81)

Apesar da miscigenação no Brasil ter se revestido desse (suposto) caráter nobre, os mulatos, à exceção daqueles que conseguiram elevar-se socialmente, jamais deixaram de ser vítimas de discriminação racial. E hoje, mais de cem anos depois da tese do branqueamento, tempo estipulado na época para que a população se tornasse totalmente branca, o Brasil é em sua maioria constituído por mestiços e a raça negra não foi eliminada e nem dá amostras de que isso vá ocorrer um dia.

Com base nessas teorias raciais extremamente preconceituosas, que relegavam o mestiço ao último lugar de uma escala evolutiva das raças, considerando-o inferior a todas as raças puras, fazendo com que nascesse um preconceito “que ainda hoje persiste sobre os mestiços, considerados fracos física e moralmente” (MUNANGA, 1986, p.28), neste trabalho será realizado uma análise de como esse preconceito é internalizado, conforme acepção de Antonio Candido (2000) de que “o externo se interno” dentro do texto literário, em três romances escritos no século XX nas literaturas de língua portuguesa: *Clara dos Anjos* (1997), do escritor brasileiro Lima Barreto; *Mayombe* (1982) do angolano Pepetela; e *Portagem* (1981) do moçambicano Orlando Mendes; haja vista o caráter miscigenado que a colonização portuguesa teve no Brasil, Angola e Moçambique.

Clara dos Anjos: um conceito inferior ao de todos

Em *Clara dos Anjos*, romance publicado em 1948, mas que, de acordo com Alfredo Bosi (1973, p. 101), a primeira redação remonta a 1904/1905, Lima Barreto aborda o preconceito em relação ao mestiço, numa sociedade multirracial como a brasileira. A obra retrata o drama de uma jovem mulata, filha de um carteiro e uma dona de casa do subúrbio carioca, ambos também mulatos, que é seduzida por Cassi Jones, um rapaz branco de condição social superior à dela, mas que não tinha quase nenhuma instrução e nenhum caráter, que vivia a desonrar mulheres humildes, donzelas ou casadas, fossem elas negras, mulatas ou brancas. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda:

É uma história onde se tenta pintar em cores ásperas o drama de tantas outras raparigas da mesma cor e do mesmo ambiente. O romancista procurou fazer de sua personagem uma figura apagada, de natureza “amorfa e pastosa” como se nela quisesse resumir a fatalidade que persegue tantas criaturas de sua casta. (HOLANDA apud BARRETO, 1997, p. 9-10)

Os pais de Clara, sabedores dos perigos que corriam as donzelas mulatas de baixa condição social, vítimas de discriminação racial e objetos de desejo de homens inescrupulosos, cercaram-na de todos os mimos, impondo barreiras que limitavam o seu contato com o mundo exterior. Raramente saía de casa, e quando o fazia era para ir à casa de dona Margarida Weber, ou acompanhada desta, que era vizinha de confiança da família, ir ao cinema ou fazer compras de tecidos. No restante do tempo, seus dias resumiam-se aos afazeres domésticos e aos serões de música promovidos por seu pai. Desse modo, seus contatos sociais eram poucos, restringindo-se aos amigos que frequentavam a casa.

O narrador chama a atenção para as consequências que uma educação protecionista e uma vida enclausurada podem causar a uma jovem mulata de subúrbio, que vive numa redoma, aparentemente sem correr riscos e sob a influência do sentimentalismo amoroso das modinhas que ouvia em casa, e não conhece ainda as armadilhas da vida exterior e o preconceito com que a sociedade trata as mulheres de sua

cor e condição social. Ele também alerta para o fato de que os pais de Clara não tinham capacidade de dar a ela uma educação correta que a preparasse para a vida, reforçando a tonalidade de um determinismo de raça e meio, ao estilo do Darwinismo Social.

Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe. (BARRETO, 1997, p.71)

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer, limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. (Idem, p.117)

Sabe-se que, todo esse aparato de proteção à Clara, para que ela não se tornasse mais uma entre tantas jovens mulatas desonradas não impediu que o ardiloso Cassi Jones conseguisse encontrar um meio de manter contato com a rapariga e adentrar o seu aposento, fato que teve como consequências a gravidez da garota e a fuga do conquistador.

Toda a narrativa é permeada pela observação determinista de que a mulata pobre, com raras exceções, não escapa a esse destino comum de sedução, exploração sexual e abandono. É como se elas trilhassem um caminho em que não há atalhos e nem possibilidade de retorno. Assim, destacam-se alguns exemplos que corroboram esse determinismo:

As observações de Marramaque, padrinho de Clara:

Na sua vida, tão agitada e variada, ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas de nascimento e da cor de sua afilhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A *priori*, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus pais para elevar a sua condição moral e

social. (Idem, p.56)

As reflexões do pai, Joaquim dos Anjos:

Estendia essa sua confiança à sua mulher, no que tinha razão; mas não à filha, como fazia, porque, no tocante a esta, precisa contar com a crise da idade, a estreiteza de sua educação doméstica e atmosfera de corrupção com que o meio a envolvia, admitindo tacitamente que ela estava fadada ao destino das outras. (Idem, p.121)

As lamentações de Clara depois de ser abandonada grávida por Cassi Jones e ser insultada pela mãe dele:

Por que a escolhera? Porque era pobre e, além de pobre, mulata.

/.../

Agora é que tinha noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. /.../

Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! (Idem, p.163-171)

A legitimação do preconceito da sociedade em relação à mulata é expressada pelo narrador na recusa da mãe de Cassi Jones de vê-lo casado com uma delas: "...repugnava ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira..." (idem, p.34); na indignação de Marramaque ao tentar alertar o pai da afilhada: "Você não vê que, se ele quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro?" (Idem, p.131); na reflexão do narrador sobre Cassi Jones: "Até ali, ele contava com benevolência secreta de juízes e delegados, que no íntimo, julgavam absurdo o casamento dele com as suas vítimas, devido à diferença de educação, de nascimento, de cor, de instrução." (Idem, p.99); e na maneira como D. Salustiana reagiu à visita de Clara: "Que é que você diz, sua negra? /.../ - Ora, vejam vocês, só! É possível admitir-se meu filho casado com esta... /.../ - Casado com gente dessa laia..." (Idem, p.169-170).

O preconceito que aparece explícito na narrativa não é somente racial, mas também social. Há uma relação metonímica de causa e efeito entre o mulato e a pobreza. É como se a con-

dição de ser mulato estivesse obrigatoriamente ligado à baixa condição social, não esquecendo que os mulatos que conseguiram ascender socialmente ficavam livres dessa discriminação. Por esse ângulo, a obra denuncia as injustiças sociais a que o mestiço está sujeito, principalmente a falta de oportunidades e de instrução que o torna frágil na luta pela sobrevivência na vida em sociedade. O desabafo de Clara, ao final do romance, nos confirma isso:

O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam. (Idem, p.171-172)

Clara dos Anjos afirma a igualdade da mulata em relação às outras mulheres, ressaltando que o que as transformavam em criaturas frágeis e objetos de desejo é o preconceito que a sociedade lhes devota e, pior ainda, a aceitação desse estereótipo por parte delas. Por isso, ela conclui que a única forma de escapar desse círculo vicioso é por meio da educação da mulher mestiça, para que ela possa evoluir-se socialmente e moralmente.

Ao mesmo tempo em que a obra põe a nu as discriminações a que os mulatos estão sujeitos, ela também defende a tese do branqueamento por intermédio da imigração, e afirma a superioridade da raça ariana, defendida pelas teorias raciais do século XIX, ao apresentar Dona Margarida Weber, imigrante europeia, filha de pai alemão e mãe russa, como exemplo de força, caráter, coragem e bondade, em contraste com os mulatos, em vários momentos da narrativa descritos como dóceis, passivos e despreparados para as dificuldades da vida:

Dona Margarida Weber era mulher alta, forte, carnuda, com uma grande cabeça de traços enérgicos, olhos azuis e cabelos castanhos tirando para louro. Toda a sua vida era marcada pelo heroísmo e pela bondade. Embora nascida em outros climas e cercada de outra gente, o seu inconsciente misticismo humanitário, herança dos avós maternos, que andavam às voltas com a polícia dos czares, fê-la logo se identificar com a estranha gente que

aqui veio encontrar. Aprendeu-lhe a linguagem, com seus vícios e idiotismos, tomou-lhe os hábitos, apreciou-lhes as comidas, mas sem perder nada da tenacidade do *esprit de suite*, de decidida coragem de sua origem. Gostava muito da família do carteiro, mas, no seu íntimo, julgava-os dóceis demais, como que passivos, mal armados para a luta entre os maus e contra as insídias da vida. (Idem, p.166)

Margarida Weber Pestana foi casada com um mulato que morreu dois anos após o casamento, deixando-lhe um filho. O narrador, ao referir-se à criança, deixa claro que o sangue ariano/eslavo é predominante no garoto, como afirmava a tese do branqueamento:

O Eziquiel, seu filho, puxara muito ao pai, Florêncio Pestana, que era mulato, mas tinha os olhos glaucos, translúcidos, de sua mãe meio eslava, meio alemã, olhos tão estranhos a nós e, sobretudo, ao sangue dominante no pequeno. (Idem, p. 60)

Em relação a essa mescla da raça ariana com a eslava, é oportuno observar que os russos, povo de etnia eslava, foram os responsáveis pela primeira revolução socialista do mundo, o que os tornava um povo forte e determinado aos olhos dos defensores da causa socialista, e o escritor Lima Barreto tinha uma grande admiração por eles e seus grandes escritores.

Mayombe: a procura de um lugar para o talvez

Mayombe (1982), romance do escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido literariamente por Pepetela, aborda os conflitos vividos por um grupo de guerrilheiros do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) numa Base Militar situada na floresta do Mayombe, localizada no enclave da Cabinda, na época da guerra de libertação nacional angolana contra o colonialismo português.

Essa obra se caracteriza pela sua multiplicidade de vozes narrativas, pelas quais o narrador principal, heterodiegético, democraticamente dá voz a todos os guerrilheiros, transformando a narrativa num vozerio no qual todos têm direito à palavra como se fosse uma discussão aberta, e por meio dessa estratégia narrativa, associada aos longos diálogos entre o comandante Sem

Medo e os seus subordinados, são discutidos os problemas, dramas, valores e contradições dos membros do grupo.

Entre os principais problemas que afetam os guerrilheiros estão o tribalismo, por conta de pertencerem a diferentes tribos, a desconfiança sobre o comandante Sem Melo, por ele ser um intelectual, e a discriminação sofrida pelo professor e auxiliar de instrução política da Base, o guerrilheiro Teoria, simplesmente pelo fato de ser mulato. Observa-se o trecho em que o narrador principal dá voz a Teoria para que ele exponha o seu drama:

EU, O NARRADOR, SOU TEORIA.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros; o mundo é geralmente maniqueísta. (PEPETELA, 1982, p. 6-7)

Nesse depoimento, o professor da Base lamenta as classificações que os homens fazem, dividindo sempre as coisas em dois mundos antagonísticos: o bom e o mau, o feio e o bonito, o preto e o branco, e o sim e o não, não deixando nenhum espaço para elementos que se situem entre dois pólos opostos. Nesse universo maniqueísta, no qual não se compreendem as diferenças, ele, um mulato, filho de uma negra africana e um comerciante branco não encontra o seu lugar. São raros aqueles que o compreendem e o aceitam. A sociedade lhe impõe um duplo preconceito. Ele é negro para os portugueses brancos: “Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos me não chamassem negro” (Idem, p.12); e branco para os negros africanos: “Homem, queria ser negro, para que os negros me não odiassem” (Idem).

Esse comportamento extremamente preconceituoso da sociedade angolana em relação ao mulato nos remete às teorias raciais do sécu-

lo XIX, que viam o mestiço como uma raça degenerada inferior aos brancos e negros puros.

No entanto, o mulato Teoria é um intelectual e um guerrilheiro que vive procurando superar os seus próprios limites, e dessa forma, ao contrário do que pregavam essas teorias, ele não é um fraco nem fisicamente e muito menos moralmente. E assim, a desconfiança com que os negros puros o veem é devido a ele ter sangue do colonizador português contra quem estão em guerra e, por outro lado, não é aceito pelos brancos por ter sangue negro. Aqui, é a contaminação pelo sangue do outro, do diferente, que determina o preconceito.

Lutando contra essa discriminação que atinge o ser formado por duas raças diferentes, Teoria segue um caminho espinhoso, vencendo os seus medos, se oferecendo para missões ariscadas, suportando bravamente, durante uma caminhada, a dor na perna ferida, e abrindo mão da mulher que ama para poder fazer parte da guerrilha, para, quem sabe, conquistar um espaço nessa sociedade para o “talvez”, síntese do sim e do não, e para o cinza, fusão do branco e do negro.

Perdi Manuela para ganhar o direito de ser “talvez”, café-com-leite, combinação, híbrido, o que quiserem. Os rótulos pouco interessam, os rótulos só servem aos ignorantes que não vêm pela coloração qual o líquido encerrado no frasco.

Entre Manuela e o meu próprio eu, escolhi este. Como é dramático ter sempre de escolher, preferir um caminho a outro, o sim ou o não! Por que no mundo não há lugar para o talvez? Estou no Mayombe, renunciando a Manuela, com o fim de arranjar no universo maniqueísta o lugar para o talvez.

/ ... /

... a minha vida é o esforço de mostrar a uns e a outros que há sempre lugar para o talvez. (Idem, p.12)

Desse modo, Pepetela, ao construir o personagem mulato com qualidades positivas, mostra o absurdo do preconceito em relação ao mestiço, tanto na sociedade angolana quanto nas teorias raciais do século XIX.

Portagem: o crime da origem

Portagem (1981), de Orlando Mendes, escrito na década de 50 e publicado pela primeira vez só em 1966, é considerado o primeiro

romance moçambicano e retrata em suas páginas o drama do mestiço na sociedade moçambicana, formada por colonos portugueses, negros nativos, indianos, chineses e mestiços. Rosania da Silva comenta a discriminação racial que caracteriza a obra:

As personagens de *Portagem* se movimentam num emaranhado de choques e contradições decorrentes da discriminação racial nítida e formal que caracterizava a sociedade moçambicana da época colonial. E o mestiço, elemento perturbado, balanceia entre o envolvimento em relações europeizadas e o apelo africano que nele reside. (SILVA, 1999, p. 64)

João Xilim, o protagonista do romance, é um mulato pobre que não consegue encontrar o seu lugar nessa sociedade. Na visão de Rosania da Silva (Idem), ele “é uma versão fictícia do drama de tantos mestiços do tempo colonial e do Moçambique atual.” Filho de um colono português e uma negra nativa, ainda na infância descobre que a cor da sua pele não era igual à da mãe e a do homem que ele acreditava ser seu pai.

Por algum tempo mora na casa do seu pai biológico, não na condição de filho, mas apenas como o “moleque de companhia” da irmã (que ele ainda não sabia ter). Um dia, por acaso, encontra sua mãe abraçada ao Sr. Campos e identifica a razão de ter a pele mais clara que a dos seus pais e dos outros negros:

Não, o negro Uhulamo já não era o pai dele. Por isso ele nascera com aquela cor mais clara que a dos pretos. Seu pai verdadeiro era o patrão de todos os negros que tinham deixado a planície do Ridjalembe... (MENDES, 1981, p. 21)

Depois da descoberta da sua origem, ainda menino, emigra para terras estrangeiras e só retorna a Moçambique quando já está adulto. Em sua trajetória sempre foi um inadaptado, sofrendo discriminação por parte de negros: “Alguns dos negros sentem um certo rancor contra João Xilim. E fazem surdamente, alusão à ignomínia da sua cor mestiça a que atribuem a possibilidade de todas as cobardias e traições.” (Idem, p.32), e também de brancos:

- Não, Rafael, quando eu vou pedir emprego em qualquer lado, os brancos ficam descon-

fiados de mim. Eu vou mas é embora ...
-Toma cuidado, pensa bem! ... Agüenta mais pouco.
- Eu já pensei até demais. Mal de mim é ser um mulato. Nossa raça toda a gente passa de lado. Outro dia, eu fui numa loja grande. Tinha lá um lugar de contínuo. Quando ouviram dizer no escritório que eu era mulato já não quiseram saber mais nada. Mandaram a mim embora. Se era negro, eu tinha mesmo ficado no lugar. Branco está sempre a pensar que mulato é filho dum crime. E eu também estou quase a pensar que talvez é mesmo. E preto tem vergonha da gente ... (Idem, p. 51)

João Xilim percebe claramente o conceito que as pessoas brancas e negras têm do mulato. Para os indivíduos de raças puras, o mestiço é uma degeneração, uma mancha que envergonha. É um ser que não é digno de confiança. Essa discriminação ao mulato nos remete às teorias raciais do século XIX, que concebiam o mestiço como uma sub-raça, incivilizável, degenerada, fraca física e moralmente. Aqui essas teorias se encaixam perfeitamente, corroboradas pelas atitudes de brancos e negros, classificando o mestiço em último lugar numa escala racial e social.

No decorrer do romance, João Xilim segue o seu caminho sempre acompanhado pela discriminação racial. Diante da falta de perspectiva, deixa a esposa temporariamente para trabalhar nas minas de carvão no estrangeiro, trabalho duríssimo, mas era o único que não discriminava o mulato. A mulher o trai nesse período. Retorna e quase mata a esposa com uma punhalada e por esse crime é condenado a cinco anos de prisão.

Cumprida a pena, ao sair da cadeia, por ironia do destino, emprega-se na cantina do Sr. Esteves, o português que teve um caso com sua ex-mulher e agora estava casado com sua irmã branca, Maria Helena, com quem tinha uma filha. Um dia a casa do patrão se incendia e o mulato salva a patroa e a filha. Esse ato heróico faz com que ele, por um breve período, consiga conquistar o respeito daqueles que o conhecem: "João Xilim sentir-se-ia agora orgulhoso, compreendendo e aceitando a homenagem dos negros e mulatos" (Idem, p 111)

Depois desse momento em que primeira vez na vida é tratado com dignidade, reconcilia-se com a ex-esposa e vai trabalhar na gamboa de Juza. Lá, vivem felizes por um período e até

têm um filho desejado por eles. Mas, na segunda gravidez, voltam-se os antigos problemas e ele se põe a pensar nas humilhações a que os mulatos estavam sujeitos: "Ser mulato é pior que ser negro. Para que Luísa emprenhou outra vez? Mais um mulato para toda a gente desprezar e maltratar?" (Idem, p. 150).

Para piorar, o trabalho na gamboa fraca e ele se obriga a ir trabalhar numa tipografia bem longe de casa, situação que facilita o assédio de Borges, o Coxo, à sua mulher, que acaba não resistindo e, mesmo grávida, o trai novamente. Essa traição provoca uma briga entre Xilim e o Coxo e, por conta dessa briga a filha morre dois dias após o nascimento, pelo fato da mãe estar sozinha no dia do parto e nos dias posteriores em que precisava de ajuda para poder salvar a recém-nascida.

No final da obra, lembrando sua trajetória de humilhações, carregada de incompreensão por ser uma mistura de branco e negro, um ser híbrido de duas raças, ele assim resume suas angústias:

Todas as raivas da sua vida passam-lhe, uma a uma, pela memória. Não, não tem nada de que se arrepender. Cumpriu fielmente o seu destino. Foi sempre ele, o mulato, um homem clandestino...

/ ... / O erro fundamental que comprometeu a paz da sua vida, foi o abraço da mãe Kati e de patrão Campos, esse abraço que fez dele um ser numa raça infamada. Tudo o que se passou depois, tudo o que pesou sobre o seu coração e manchou as suas mãos e os seus olhos, proveio desse erro. Por toda a parte ele encontrou gente que anda a toa, rejeitada pelos brancos e pelos negros. Deserdada pelas duas raças puras. Mas ele esconderá dos filhos a memória dos pecados das negras Katis e dos patrões Campos. E eles crescerão como se a raça mestiça não tivesse nascido de um abraço fortuito. (Idem, p.170)

Depois de sofrer esse duplo golpe, a traição da mulher e a morte da filha, João Xilim reconcilia-se novamente com Luisa e, juntos, recomeçam suas vidas de humilhações, tropeços e desencontros, causados, principalmente, pela discriminação racial a que estavam sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três romances analisados abordam

em suas páginas a discriminação sofrida pelo mulato nas sociedades em que as obras foram concebidas, conforme pregavam algumas teorias raciais do século XIX, e também tem em comum o fato de pertencerem às literaturas de países (Angola, Brasil e Moçambique) que foram colonizados por Portugal, nação que em tempos coloniais praticou a miscigenação em larga escala.

Em *Mayombe* (1982) e *Portagem* (1981) vem à luz o drama do mulato discriminado tanto por brancos quanto por negros. Nessas duas obras, a discriminação racial do mestiço se aproxima das teorias raciais, no que refere ao conceito do mulato como sub-raça, que carrega o estigma de ser contaminada pelo sangue da outra, oposta a si e indesejada. Assim, para o branco, o mulato carrega a mancha do negro e ela é para ele como se fosse a lembrança de um pecado por, ter se misturado a uma raça inferior, e para o negro, o mulato tem a mancha do branco explorador, que lhe roubou a terra e o colocou na condição de semi-escravidão. Desse modo, o mulato está entre dois pólos opostos, é um inadaptado a procura do seu lugar.

Já *Clara dos Anjos* (1997) apresenta uma grande contradição: ao mesmo tempo em que o romance denuncia a discriminação racial e suas consequências, reivindicando um tratamento digno e humano ao mulato e ao negro, ele também lhes aponta os defeitos e fraquezas, inferiorizando-os quando postos em contraste com uma europeia de sangue ariano/eslavo, de modo que legitima a suposta superioridade da raça branca, em relação às outras raças e, principalmente, frente ao mestiço, defendida pelas teorias raciais europeias e americanas.

No entanto, o romance também demonstra estar em sintonia com a “tese do branqueamento” propugnada pela elite intelectual brasileira do século XIX, ao deixar transparecer uma simpatia pela miscigenação por meio das uniões interracialis entre mulatos ou negros, e imigrantes europeus, principalmente de origem ariana ou eslava, visando a um aprimoramento racial da população brasileira, materializada na obra através da exemplificação do casamento entre Margarida Weber (europeia/ariana/eslava) e Florêncio (mulato), que deu origem a Eziquiel, o filho que puxara ao pai, mas em quem predominava o sangue superior da mãe.

Finalizando, é importante observar que a leitura de obras como essas, que abordam o

preconceito racial, podem nos levar a reflexões sobre velhos conflitos como, por exemplo, a intolerância racial e religiosa, que persistem no mundo contemporâneo. Posições radicais opostas entre católicos e protestantes na Irlanda, judeus e árabes no Oriente Médio, e entre sérvios e as outras etnias da antiga Iugoslávia, só para citar alguns exemplos, nos lembram o questionamento da personagem de Pepetela: “Por que no mundo não há lugar para o talvez?” O “talvez”, essa síntese de posições antagônicas poderia ser a saída para a solução de conflitos históricos até o momento insolúveis.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, L. **Clara dos Anjos e outras histórias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- BOSI, A. **Pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- BROOKSHAW, D. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- MENDES, O. **Portagem**. São Paulo: Ática, 1981.
- MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.
- PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: Ática, 1982.
- SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SILVA, R. P. História e ficção: o lugar do mulato em *Portagem*, de Orlando Mendes. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 5, p. 63-67, abr. 1999.
- SKIDMORE, T. E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Tradução Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.